

## ANTA DA ARQUINHA DA MOURA (TONDELA)

por

Ana Leite da Cunha\*

**Resumo:** Este monumento manteve-se inédito até princípios de 1990.

As campanhas de escavação efectuadas em 1991 e 1992 permitiram verificar que o monumento se encontrava em muito bom estado de conservação e recolher um importante espólio, quer a nível lítico, quer a nível cerâmico, tanto na câmara como no corredor. A câmara é formada por sete esteios, dois dos quais apresentam pinturas de carácter maioritariamente esquemático, embora algumas evidenciem características tendencialmente naturalistas.

Nos esteios do corredor não existem vestígios de pinturas.

Na câmara recolheram-se abundantes ossadas humanas, agrupadas por partes anatómicas — crânios, ossos longos, etc.

A campanha de 1993 foi dirigida especialmente à compreensão da estrutura do *tumulus*.

**Palavras-chave:** Anta de corredor. Arte megalítica. Restos ósseos.

A Anta da Arquinha da Moura é um monumento megalítico situado no concelho de Tondela, distrito de Viseu, Beira Alta.

O monumento está assente num afloramento granítico de grão grosseiro a médio, com grandes cristais de feldspato que na periferia ENE é visível à superfície.

Este afloramento situa-se numa pequena chã, a uma cota média de 324 m., destacando-se dos terrenos envolventes a W, N e NE, plantados com vinhas e algumas árvores de fruta, a uma cota mais baixa. O monumento fica já no meio de pinheiros e eucaliptos que descem em declive suave para SW e bastante abrupto para SE em direcção ao rio Dão (Foto 1).

É um monumento de arquitectura relativamente simples, formado por câmara e corredor, orientado a ENE.

---

\* Direcção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

A câmara, de forma poligonal, é constituída por 7 esteios de granito de grão grosseiro a médio e laje de cobertura, fracturada na extremidade E, pela queda de um pinheiro. O corredor, de tamanho médio, é formado por 5 esteios de cada lado, faltando-lhe o 2º do lado N, retirado aquando da violação. Das lajes de cobertura do corredor só uma se encontrava mais ou menos "in situ". Outras duas foram recuperadas durante a escavação.

Durante os trabalhos de escavação verificou-se que deviam existir 2 pilares à entrada da câmara, dos quais ainda se conservava o do lado N.

Tanto a câmara como o corredor, bem diferenciados tanto em planta como alçado, estão rodeados por um potente contraforte de pedras de tamanho médio.

O "tumulus", de forma elíptica, tem cerca de 27 m. no sentido E/W e 20 m. no sentido N/S. Não tem carapaça pétreia. A sua altura total, até ao cimo da laje de cobertura, é de cerca de 3m.

É frequente os monumentos deste tipo apresentarem estruturas internas de contenção entre a periferia do contraforte e o fecho do "tumulus". Na Anta da Arquinha da Moura tal não acontece, pelo menos nas áreas que foram escavadas a E e a W. No entanto, verificou-se que na zona E, em frente ao corredor, esta estrutura foi substituída pelo aproveitamento do afloramento granítico, sobre o qual está construído, com a abertura de valas na rocha, perpendiculares ao eixo do corredor, formando suportes naturais de contenção das terras do "tumulus" (Fot. 2).

O mesmo não acontece a W, onde as terras do "tumulus" são argilosas e muito compactas, não havendo qualquer estrutura de contenção entre o contraforte e o fecho.

O fecho do "tumulus" é assinalado tanto a E como a W por uma fiada de pedras extremamente frágil. É possível que a fragilidade que esta estrutura apresenta seja resultado da erosão, pois passa-lhe ao lado um caminho carreteiro.

A importância deste monumento deve-se ao facto não só das suas características tipológicas o integrarem num grupo de monumentos bem representado na região da Beira Alta, mas principalmente pela existência de pinturas, ainda em razoável estado de conservação, em dois esteios da câmara, e pela abundância do espólio recolhido durante as escavações, incluindo ossadas humanas.

Manteve-se inédito até princípios de 1990, embora alguns elementos da população local, nomeadamente caçadores, o conhecessem, e até o tivessem utilizado como abrigo, pois existiam restos de fogueiras recentes no interior da câmara e abundante fuligem nos esteios, responsável pela destruição de parte das pinturas.

As escavações efectuadas entre 1991/93, com o apoio do então Instituto Português do Património Cultural e da Câmara Municipal de Tondela, tiveram como finalidade o seu estudo e recuperação e posterior aproveitamento como pólo

de interesse turístico /cultural.

Os primeiros trabalhos realizados em 1991 permitiram verificar que o monumento se encontrava em muito bom estado de conservação, tendo apenas sido violado pela zona do corredor, provocando a sua destruição parcial.

Esta violação deve ter ocorrido há muito tempo, uma vez que o corredor se apresentava completamente obstruído pelos sedimentos, não sendo visível, mesmo depois da limpeza da vegetação superficial, a sua localização (Fotos 3-4).

A entrada na câmara era feita através de um buraco à superfície, provocado pela fractura da laje de cobertura, devido à queda de um pinheiro.

A câmara tinha enchimento até cerca de 1,14 m. do tecto.

Pensamos que o monumento foi violado por “caçadores de tesouros”, uma vez que, apesar das camadas arqueológicas se encontrarem remexidas até perto da base, o espólio arqueológico ser muito abundante desde a superfície do “tumulus” (sobre e na área em frente ao corredor - área de violação), havendo inúmeros fragmentos cerâmicos e espólio lítico até à periferia E. Na sondagem efectuada a W e onde não foi detectada qualquer violação, não apareceu uma única peça de espólio.

Este espólio, de que ainda não está feito o estudo, permite no entanto, numa primeira análise global das suas características, pensar que o monumento teve uma longa ocupação. Recolheram-se várias amostras de carvão e ossos para fazer análises de C14.

A escavação da câmara proporcionou a recolha de ossadas, facto que não é muito usual em zonas graníticas, devido ao grau de acidez do solo.

Estas começaram a aparecer a cerca de 2,40m de profundidade, ocupando os espaços em frente dos esteios (menos abundantes em frente ao esteio de cabeceira) sendo raras no centro da câmara.

A forma como se encontravam indica que não se tratava de enterramentos primários, mas de inumações secundárias resultantes quer de um ritual funerário quer da necessidade de arranjar espaço para novas deposições.

Os ossos não se encontravam em conexão anatómica. Estavam agrupados por conjuntos de ossadas; crânios por um lado, ossos longos por outro (Fotos 5, 6 e 7).

Outra particularidade interessante é que os crânios não tinham face. Não havia vestígios de qualquer osso da face. Apenas foram recolhidos alguns dentes dispersos. De momento, não temos conhecimento de qualquer outro achado semelhante para esta região (Beira Alta), mas esperamos que futuras escavações nos possam fornecer dados de análise comparativa.

O espólio recolhido nas proximidades das ossadas não formava conjuntos fechados, relacionáveis com qualquer enterramento em particular, apresentando-se distribuído de forma caótica, com relevância para os vasos cerâmicos de várias

tipologias, sendo a mais frequente a dos vasos globulares, com dimensões variadas, apresentando um deles restos de pintura a almagre.

Havia também fragmentos de taças carenadas, vasos de perfil em S, vasos troncocónicos invertidos com um mamilo, e um vaso ovalado com furos de suspensão à volta do bordo.

Embora cerca de uma dezena destes vasos se encontrasse inteira, na câmara, outros apresentavam-se fracturados estando os fragmentos a cotas diferentes, havendo 2 ou 3 casos em que esses fragmentos continham restos de ossos no seu interior.

O espólio funerário da Anta da Arquinha da Moura é constituído no seu conjunto por grandes lâminas de sílex, cerca de 300 geométricos (na sua maioria trapézios de tipologia variada) cerca de 400 pontas de seta (também de tipologia variada), cerca de 80 utensílios de pedra polida (a maioria dos quais machados), 3 ou 4 foices em sílex, dezena e meia de vasos inteiros, dos quais só um tem decoração, centenas de fragmentos de cerâmica lisa e alguma decorada, numerosas contas de colar, a maioria das quais em pedra verde, havendo no entanto cerca de meia dúzia em azeviche, cerca de duas dúzias em xisto e 1 em osso, 1 pendente triangular com perfuração perto da base menor, 1 peça em pedra verde, de forma ovalada com cerca de 1,5 cm de eixo maior, com uma perfuração em cada extremidade.

Tanto os geométricos como as pontas de seta são na sua maioria em sílex, havendo no entanto uma quantidade razoável de peças em quartzo leitoso e algumas em quartzo hialino e outros materiais. Os utensílios em “pedra polida” são na sua maioria em anfíbolite.

As matérias primas utilizadas no fabrico do espólio estão a ser analisadas com o fim de se identificar os seus locais de origem.

No corredor, foi recolhida a maior parte dos utensílios em pedra polida (cerca de 60 peças).

Na câmara foi encontrada uma folhinha em ouro nativo a cerca de 2,25 m. de profundidade. Tem cerca de 1 cm<sup>2</sup> e encontrava-se completamente amassada como se fosse um bocadinho de papel.

Foram também recolhidos durante a escavação alguns fragmentos de ocre vermelho, de cor semelhante à das pinturas. Vamos proceder à sua análise bem como à das pastas das pinturas para verificar se foi este o material utilizado na sua feitura.

## AS PINTURAS

Outra das características que torna este monumento tão importante é o facto de apresentar pinturas bem visíveis em 2 esteios da câmara e vestígios noutros 2. Nos esteios do corredor não se detectaram quaisquer vestígios de pinturas.

Os esteios com pinturas são o 7 e o 9 (esteio de cabeceira). Os que têm vestígios são o 8 e o 12 (ver planta).

No esteio de cabeceira são visíveis restos de pasta branca utilizada para regularizar a superfície da pedra ou para realçar as pinturas.

As pinturas são quase exclusivamente a vermelho, aparecendo este em duas tonalidades - uma mais escura e que é a mais usada, outra alaranjada que aparece em pinturas periféricas e é menos resistente aos factores de degradação.

Apenas foi detectada uma figura a preto, executada com linhas muito finas, que se sobrepõe ao braço direito da figura central do esteio 7. Esta figura a preto só é totalmente visível quando se faz incidir sobre ela um foco de luz.

Curiosamente, os esteios onde se conservaram as pinturas, o 7 e o 9, são de grão grosseiro, apresentando-se sumariamente afeiçãoados, tendo algumas das pinturas sido executadas sobre as irregularidades da pedra.

A figura central do esteio 7 representa um antropomorfo de grandes dimensões, com os braços flectidos para baixo, em ângulo recto e com as pernas arqueadas. A cabeça e o braço esquerdo estão muito danificados.

Analisando as técnicas, motivos e estilos, verifica-se que as pinturas da Anta da Arquinha da Moura se integram no convencionalmente chamado “grupo de Viseu” (Shee, 1973), embora estejam ausentes as filas de triângulos ou VV, as cercaduras em dentes de serra e os serpentiformes. Os motivos são essencialmente figurativos, com especial relevância para a figura humana, quer no esteio de cabeceira, onde esta se encontra aos pares, quer no esteio 7, onde uma grande figura antropomórfica ocupa a sua parte central, dominando a composição.

Um dos antropomorfos do esteio de cabeceira faz lembrar um “skin skeuomorph” segundo a tipologia de E. Shee Twohig.

Outros motivos representados neste mesmo esteio são animais, de que só conhecemos a sua presença na Orca dos Juncais (Vila Nova de Paiva, Viseu) em dois esteios da câmara, e em Cubillejo de Lara de los Infantes (Sala de los Infantes, Burgos) num esteio do corredor.

Enquanto na Orca dos Juncais os animais estão identificados como cães, veados e corças, e em Cubillejo como equídeos, aqui podemos com segurança distinguir um caprídeo e um cervídeo, sendo de caracterização mais difícil os outros dois quadrúpedes representados.

Os motivos de Cubillejo de Lara de los Infantes são gravados (SHEE TWOHIG, 1981).

As figuras de animais quase não têm paralelo na arte megalítica conhecida, na sua maioria abstracta.

Quanto à figura humana, um dos motivos principais do “grupo de Viseu”, ela aparece em Antelas, Lubagueira 4 (Dólmen do Fojo), Juncais, todos na zona de Viseu, e ainda em Padrão, a norte do rio Douro, e num esteio de proveniência

desconhecida, que se encontra na Universidade do Porto.

Outra figura que integra o grupo de Viseu e que julgamos identificar na Arquinha da Moura é o “skin skeuomorph”, motivo que se encontra em Lubagueira 4 (Fojo), Tanque, Juncais e num monumento a norte do rio Douro, Vilarinho da Castanheira.

Para uma melhor descrição das pinturas, isolámos os motivos e numerámo-los.

#### ESTEIO 9 (laje de cabeceira) (Foto 8)

*Fig. 1* — É a figura central deste esteio. É uma composição complexa, que parece representar 2 antropomorfos, um acima do outro, havendo entre ambos uma figura circular que estabelece a ligação entre eles, por meio de linhas radiais. O antropomorfo inferior faz lembrar um “skin skeuomorph”, segundo a tipologia de E. Shee Twohig. Esta composição transmite uma certa familiaridade com algumas composições gravadas do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo.

A parte superior da figura está bastante degradada pela fuligem, o que dificulta a sua interpretação. Esta composição tem cerca de 75 cm de comprimento.

*Fig. 2* — Cerca de 3 cm à esquerda da figura circular e sensivelmente à mesma altura, está pintado um quadrúpede com a cauda espetada. As patas dianteiras estão levantadas relativamente às traseiras. Embora de forma esquemática, pretende dar ideia de movimento. É de dimensões reduzidas, aliás como a maioria das figuras. Tem cerca de 12 cm.

*Fig. 3* — Cerca de 7 cm para a esquerda de *fig. 2* e ao mesmo nível das patas dianteiras, há outra pintura que aparenta ser um antropomorfo, sem cabeça e sem braços e com as pernas abertas. Parece deslocar-se para a direita. Tem 13 cm de altura.

*Fig. 4* — Cerca de 3,5 cm para a esquerda de *fig. 3*, há outro antropomorfo, do qual já não é perceptível parte da cabeça e do braço esquerdo. Está de braços e pernas abertos e aparenta movimentar-se para o lado esquerdo. As extremidades das pernas estão mais ou menos ao nível da “cintura” da *fig. 3*. Tem 12,5 cm de altura.

Cerca de 30 cm à direita da *fig. 1* há vestígios de pinturas.

*Figs. 5 e 6* — Cerca de 6 cm para a direita e 1 cm acima da parte superior da *fig. 1* há um par de antropomorfos nitidamente fálicos.

O que está à esquerda (*fig. 5*) é ligeiramente maior e mede 10 cm de altura. O da direita (*Fig. 6*) tem 7 cm de altura. Ambos parecem deslocar-se para a esquerda.

*Fig. 7* — Cerca de 14 cm para a esquerda e 7 cm para cima da parte superior da *fig. 1*, há outro quadrúpede. Mede cerca de 8 cm.

*Fig. 8* — Esta figura representa um caprídeo com o corpo de perfil e a cabeça de frente. Situa-se 5 cm para a esquerda e ligeiramente acima da *fig. 7*. Mede cerca de 7,5 cm.

*Fig. 9* — Esta figura representa um cervídeo em estilo naturalista. Tem o corpo a 3/4 e a cabeça de frente. Apresenta uma bela ramagem. Tem 10 cm de altura.

Mesmo à esquerda deste cervídeo há vestígios de pinturas, bem como a 12 cm acima da *fig. 7*, a 12 cm para a esquerda da *fig. 8* e a cerca de 25 cm para a direita da *fig. 6*.

### ESTEIO 7 (Foto 9)

*Fig. 1* — Ocupa a parte central do esteio e representa um antropomorfo de grandes dimensões, com os braços flectidos para baixo, em ângulo recto. Tem o corpo rectangular e as pernas arqueadas. Tanto a cabeça como o braço esquerdo estão bastante danificados. O contorno exterior do tronco e dos membros é rematado por uma espécie de rendilhado. Este remate é muito semelhante ao que se pode ver na parte inferior da figura de Lubagueira 4 (também conhecido como Dólmen do Fojo, Viseu), C3, identificada como um provável “skin skeuomorph” (Shee Twohig, 1981).

Cerca de 85% desta pintura estava oculta pelo enchimento da câmara. Pode-se observar que foi executada sobre as irregularidades da pedra. Tem cerca de 105 cm de altura.

*Fig. 2* — A cerca de 3 cm da metade superior esquerda da *fig. 1* há um antropomorfo, bastante diferente dos existente no esteio de cabeceira. Parece estar “vestido” com umas calças largas. Já não se distinguem os pés. Mede 22 cm de altura.

*Fig. 3* — Esta figura, que se situa 3 cm à esquerda da *fig. 1*, parece ser uma grade feita a tracejado, que se estende para baixo, cerca de 90 cm. Pertence às pinturas vermelho-alaranjadas, bastante mais frágeis que as a vermelho escuro.

*Fig. 4* — Sobre o braço direito da *fig. 1*, perto do “cotovelo”, encontra-se a única figura pintada a preto. Já atrás nos referimos a ela. Está executada em linhas finas e, excepto na parte central, só é visível sob um foco de luz. Tem cerca de 22 cm de comprimento total.

*Figs. 5 e 6* — Para a direita da parte média da *fig. 1* existem mais 2 antropomorfos, o primeiro dos quais quase que lhe toca. Estão bastante destruídos devido a terem saltado várias lascas de feldspato que levaram consigo a pintura.

Estas figuras têm de altura máxima, respectivamente, 18 cm e 16 cm.

Abaixo de *fig. 1* e com maior densidade para a sua direita, existem “pingos” de pintura numa área de cerca de 34 cm de altura por 42 cm de largura.

Como atrás se disse, nos esteios 8 e 12 há vestígios de pinturas cujo grau de degradação não permite identificá-las.

Observando as pinturas da Arquinha da Moura, verifica-se que tematicamente se diferencia da maior parte da arte megalítica conhecida, quer pintada quer gravada, cujos motivos são abstractos. Integra-se num conjunto de monumentos decorados da região de Viseu, cuja influência se conhece em alguns monumentos a norte do rio Douro, onde juntamente com os motivos abstractos como sejam os serpentiformes (que são comuns a toda a arte megalítica) “grades”, círculos, motivos radiais, motivos em U (simples ou encaixados) e o elemento denominado “the thing” (E. Shee), aparecem os motivos concretos, já acima referidos.

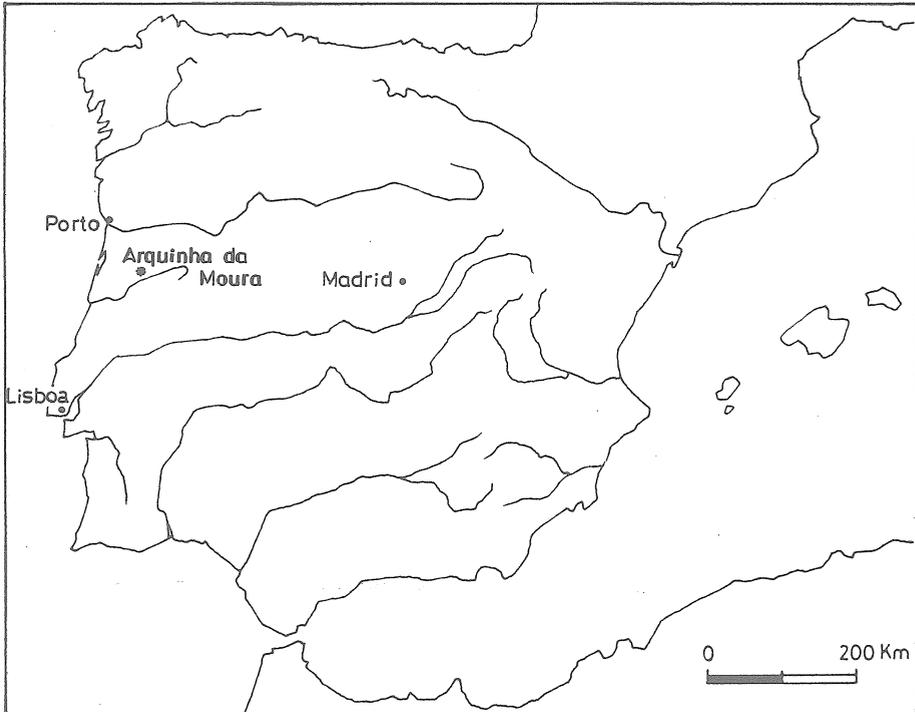
Podemos considerar a Arquinha da Moura como um bom exemplo deste “grupo de Viseu”, pois todos os motivos que se conseguem identificar são concretos, com excepção do motivo circular com apêndices radiais que serve de ligação à figura 1 do esteio de cabeceira. É possível que as pinturas periféricas que se encontram demasiado degradadas para serem identificadas, pertençam ao grupo dos motivos abstractos.

Pensamos que o estudo global do monumento (que esperamos concretizar a médio prazo), dada a região onde se insere - zona de passagem entre o litoral e o interior, entre o SE e o NW - nos permitirá recolher dados que certamente irão contribuir para um melhor conhecimento da ocupação megalítica da região, bem como das suas relações com a arte.

Para finalizar referimos que nos últimos 3 ou 4 anos foram descobertas pinturas e gravuras em 3 dólmenes da região de Viseu. Num deles, que era inédito, descobriram-se pinturas abstractas. Nos outros dois, já conhecidos há muito tempo — Lapa do Repilau e Anta das Corgas da Matança —, descobriram-se no primeiro, gravuras e pinturas, e no segundo só gravuras.

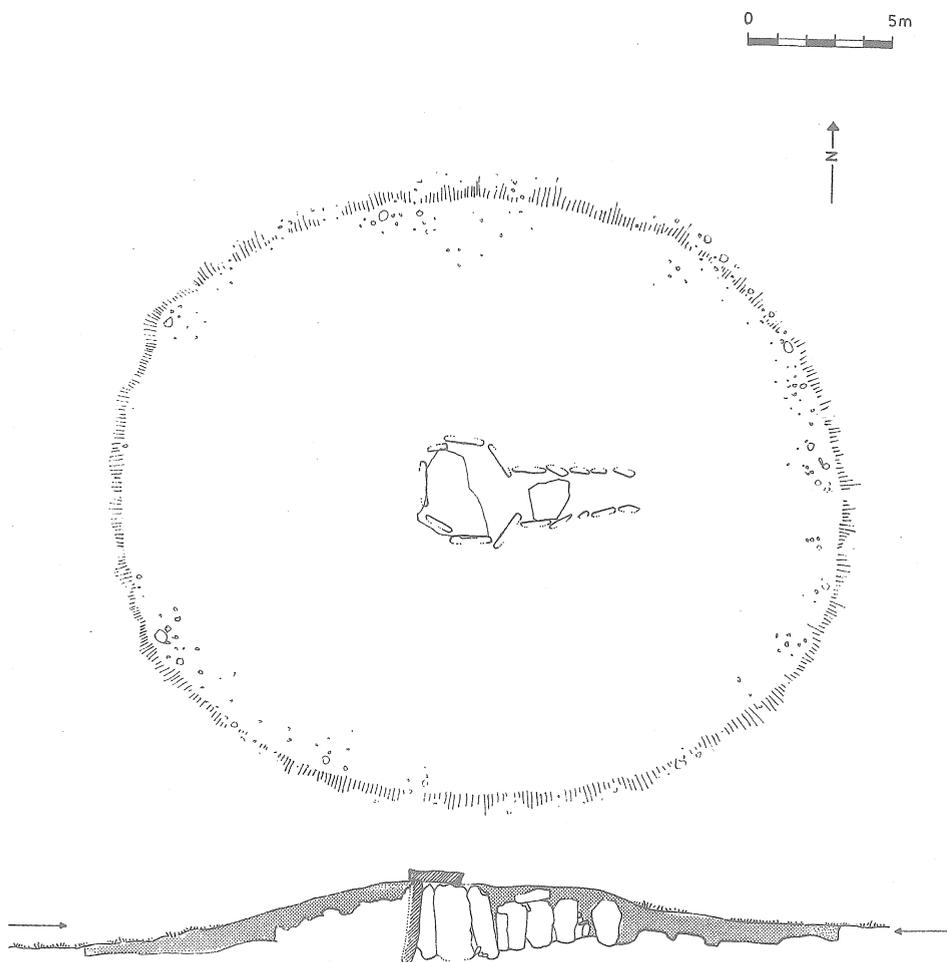
## BIBLIOGRAFIA

- LEISNER, G., Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta, *Jahrb. Präh. Eth. Kunst*, 9, 1934, 23-44.
- SHEE, E., Painted Megalithic Art in Western Iberia, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 1974, 105-123.
- SHEE TWOHIG, E., *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford, 1981.

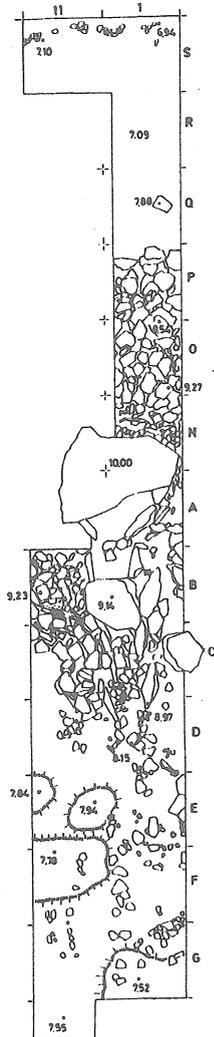


Localização da estação na Península Ibérica.

Est. II



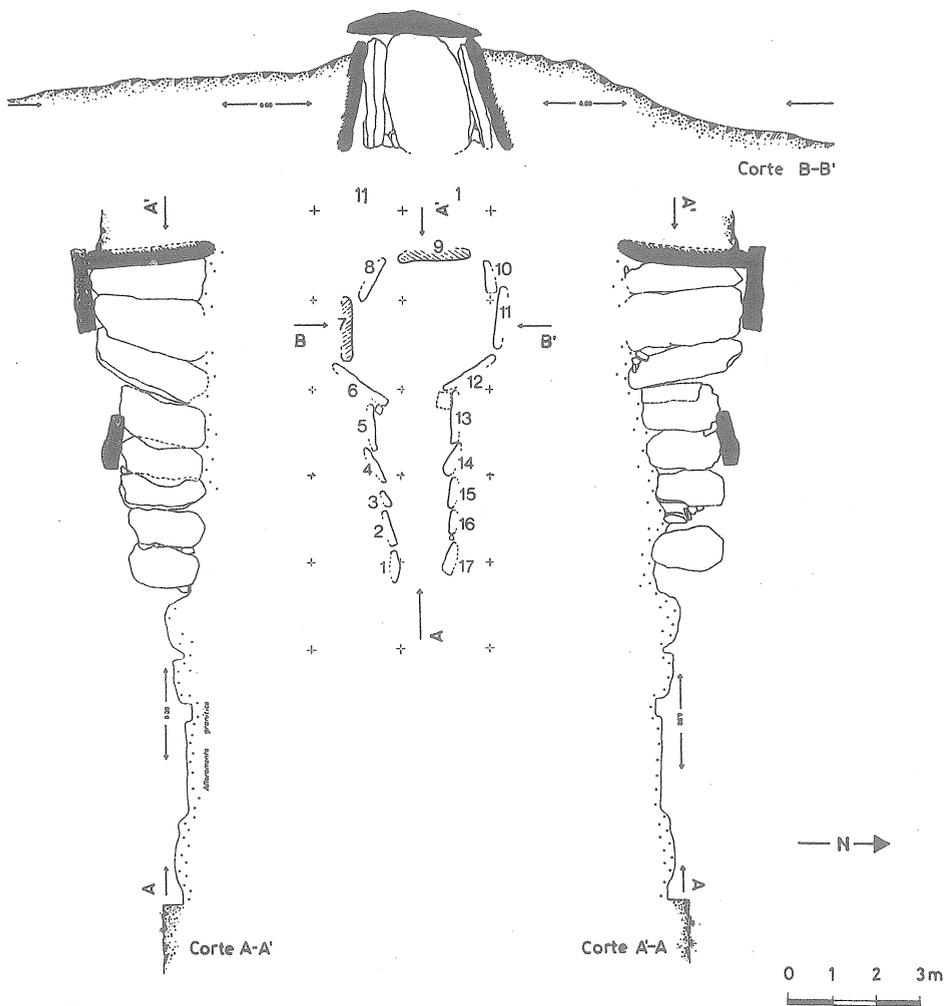
Planta e alçado da mamoa e dólmen que contém.



<p>INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO <i>Direcção Regional de Coimbra</i></p>	<p>ANTA DA ARQUINHA DA NOURA</p>	
<p>LEV: José Augusto A. Dias José Luis Madeira DES: </p>	<p>PLANTA DA ÁREA ESCAVADA</p>	<p>1993</p>

Planta da área escavada.

Est. IV



Planta e alçados da câmara e corredor.

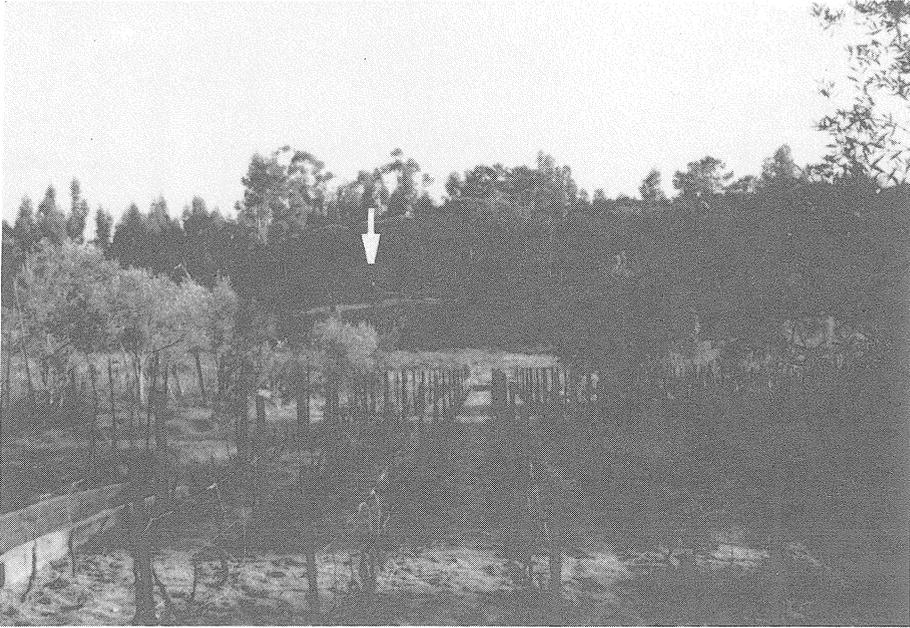


Foto1 — Enquadramento paisagístico da Arquinha da Moura.

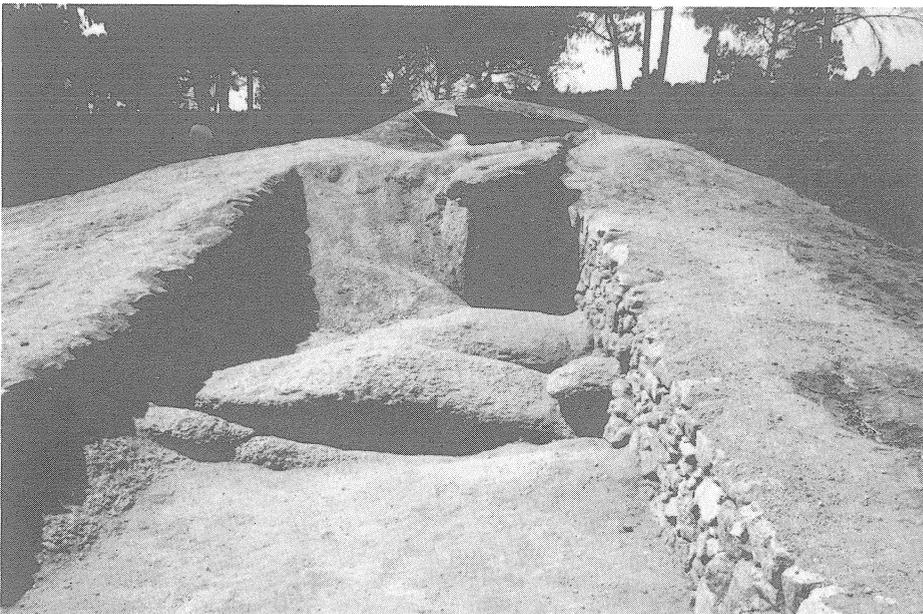


Foto 2 — O monumento no fim das escavações. Em primeiro plano vêem-se aspectos do aproveitamento do afloramento como suportes de contenção.

Est. VI



Foto 3 — Depois da limpeza superficial do “tumulus” não era visível a localização do corredor. As pedras que se vêem à direita pertencem a parte de um muro construído em época moderna. Duas destas pedras julgamos que seriam coberturas do corredor.



Foto 4 — O aparecimento do corredor durante as escavações.

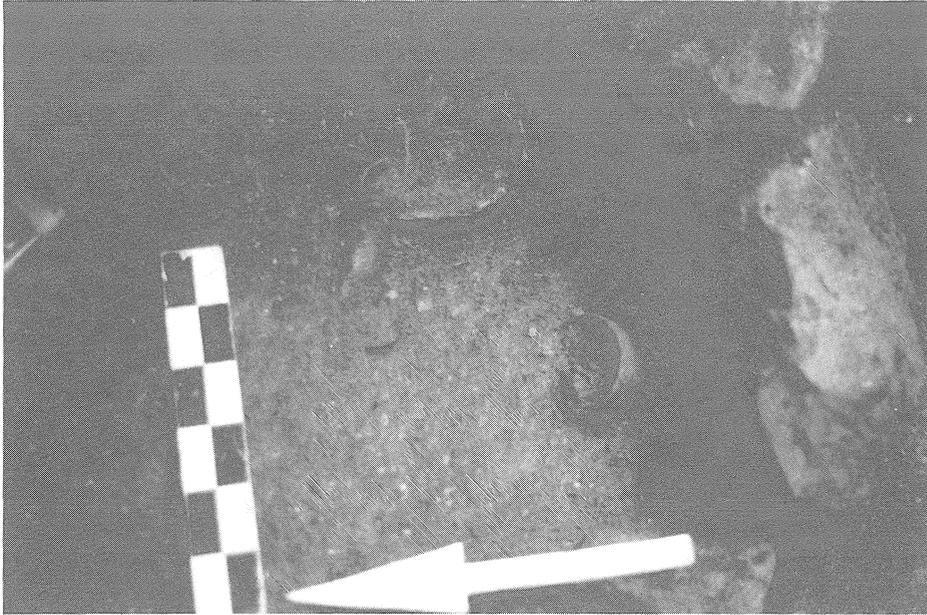


Foto 5 — Crânios sem face.

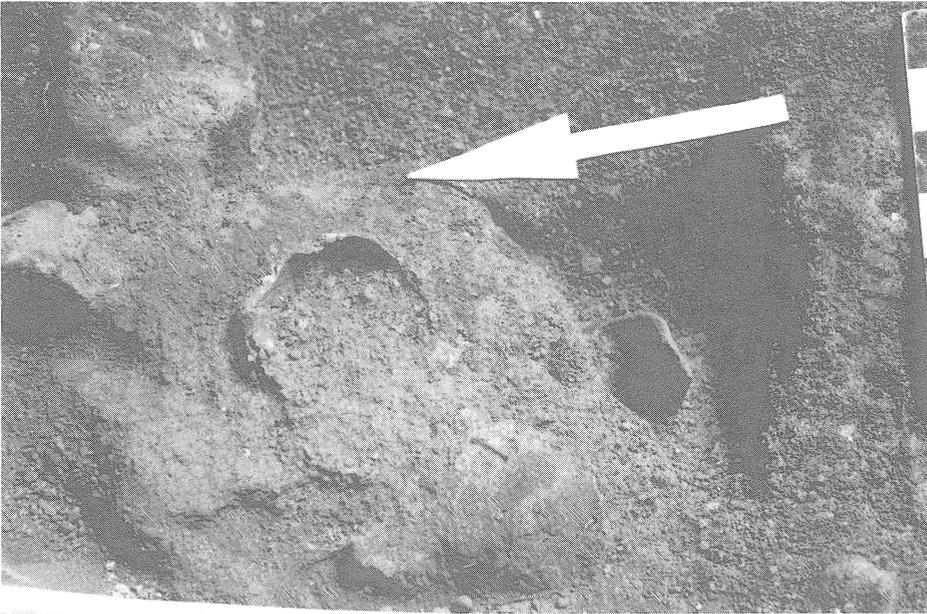


Foto 6 — Crânios sem face.

Est. VIII



Foto 7 — Um osso longo.



Foto 8 — Pinturas na laje de cabeceira.

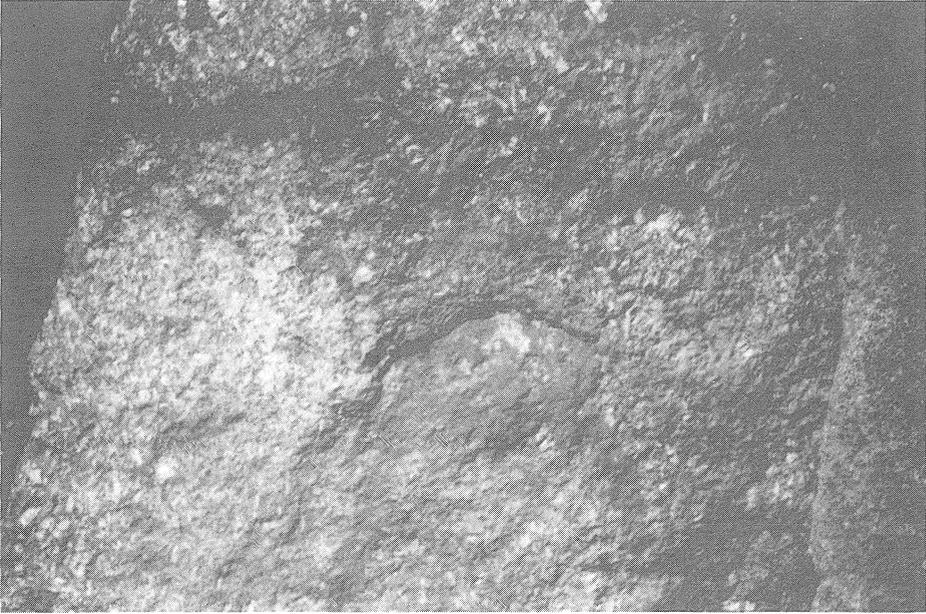
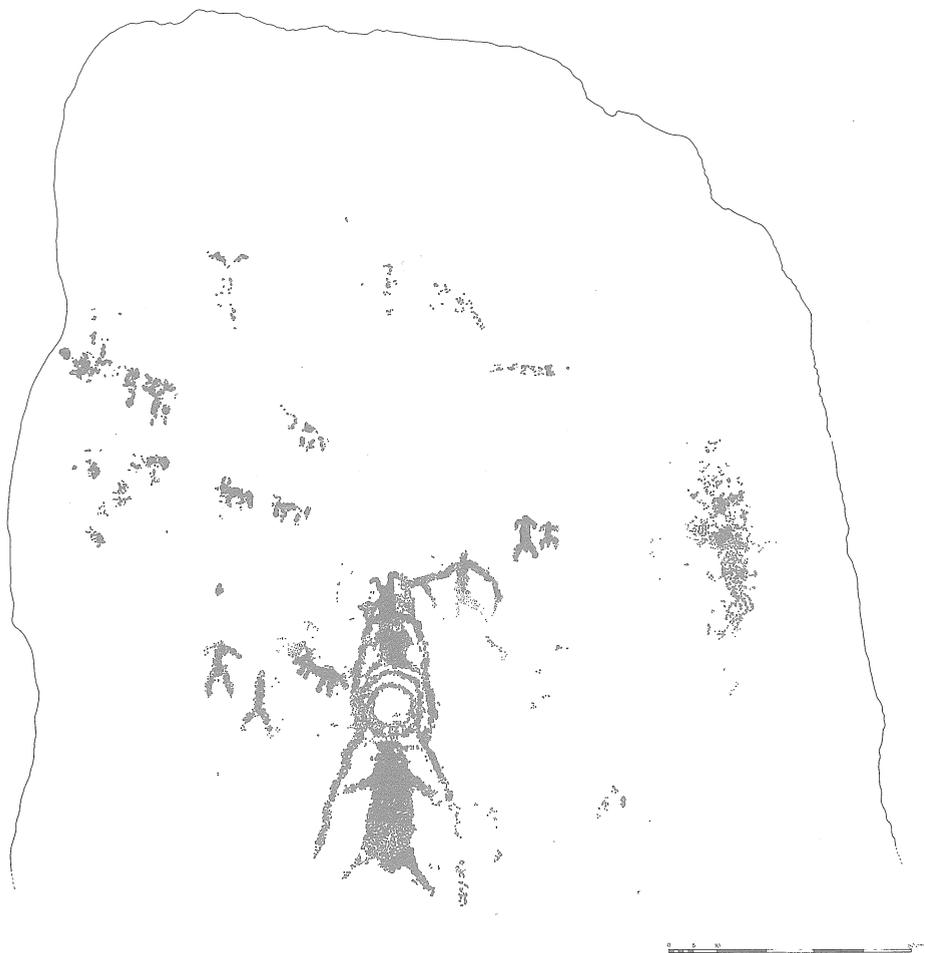


Foto 9 — Pinturas no esteio 7. A figura central domina toda a composição.

Est. X



Pinturas do esteio 9 (laje de cabeceira).



Pinturas do esteio 7 (ver capa deste vol.)